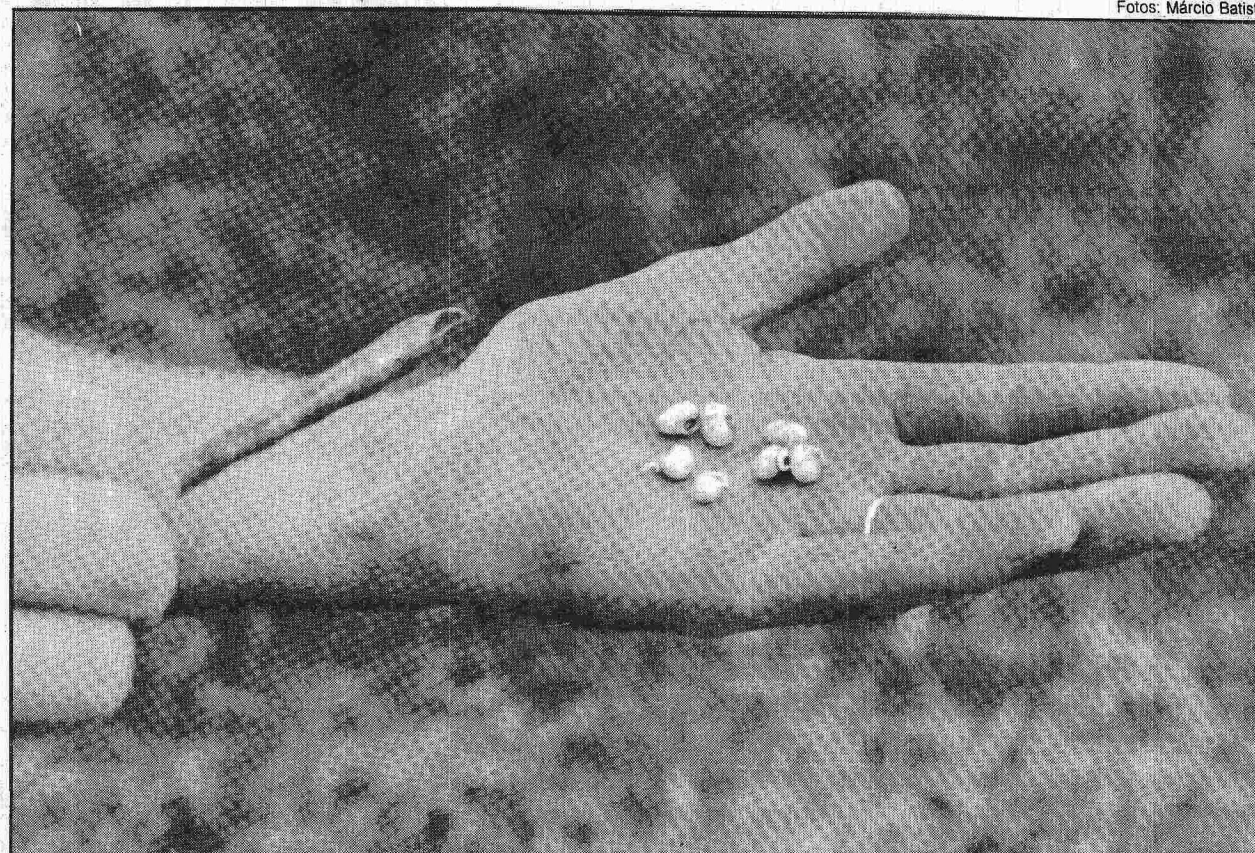




As chuvas trouxeram prejuízos aos agricultores que apostaram na safra do feijão. A maior parte da safra está comprometida. Os produtores de Pipiripau foram os mais atingidos



DF perde safra de feijão

Produtores já têm 70% de suas plantações comprometidas devido às chuvas ininterruptas

Paulo Henrique

A possibilidade de perder até 100% da safra 91/92 de feijão no Distrito Federal está assustando os agricultores da região. As chuvas que caem sobre as fazendas há mais de 30 dias são a causa do risco de prejuízo, que terá reflexos profundos a médio e longo prazos, segundo técnicos da Emater, que estimam que 70% da safra de feijão está comprometida. O excesso de umidade impede a colheita do produto, que acaba brotando ainda na vagem. Os produtores esperavam usar o dinheiro da comercialização dos grãos para bancar a coleta de outras culturas e financiar plantios, nos próximos meses.

Entre 300 produtores de feijão do DF, a situação mais grave é a dos 15 que cultivam o grão no Núcleo Rural de Pipiripau, a 25 quilômetros de Planaltina, de acordo com o responsável pelo escritório da Emater na área, Geraldo Magela Gontijo, as perdas podem ser totais em alguns casos. Ele disse que mesmo com uma estiagem, a partir de hoje, 50% da safra no local está comprometida. As perdas no Pipiripau podem chegar a Cr\$ 40 milhões, em relação ao investimento. As áreas mais atingidas são os

Núcleos Rurais de Rio Preto, Taquara, PAD-DF, Tabatinga e Jardim, além do Pipiripau — apontada como uma das principais. A expectativa era colher 3.029 toneladas de feijão, numa área plantada de 2.750 hectares. Na safra 90/91, foram colhidas 2.491 toneladas, contra 1.247 do período 89/90. Cada hectare deveria produzir em torno de 20 sacos do grão.

Estímulo

Gontijo disse que a decepção com o feijão nesta safra é grande entre os agricultores. Segundo ele, devido à boa produtividade do ano passado, muitos deixaram de investir em outras lavouras para apostar no produto. Somente no Pipiripau, a área cultivada passou de 70 hectares (90/91) para 117 (91/92), um crescimento aproximado de 30%. O custo da lavoura foi de Cr\$ 350 mil por área plantada.

“Esperamos que o sol retorne nos próximos 10 dias para salvar, ao menos, uma parcela da safra”, observa o representante da Emater. O bom tempo possibilitaria a colheita do que foi plantado em novembro e dezembro. As lavouras feitas em outubro já estão perdidas. Gontijo esclarece que se as perdas forem confirmadas, muitos

dos agricultores prejudicados demorarão mais de um ano para se recuperar dos prejuízos. Isto pode implicar numa diminuição de área cultivada ou até cancelamento de outras lavouras, em alguns casos.

Para o consumidor, os problemas nas lavouras de feijão não serão sentidos imediatamente, disse o agrônomo da Emater Reinaldo Pena Lopes. Segundo ele, o que é produzido na região não representa uma grande parcela do consumo local. Os preços podem disparar, assegura, se as dificuldades climáticas se estenderem a toda a região geoeconômica, que inclui municípios de Goiás e Minas Gerais.

“Situação como a atual só vi em 81”, conta Gontijo, que acredita que o excesso de chuvas prejudicará até a atuação da Emater. Os agricultores deixariam de investir no “feijão das chuvas” para plantar no período das secas. O técnico da Empresa afirma que com esta atitude um trabalho de conscientização seria abandonado. E que o feijão plantado nos meses de janeiro e fevereiro, para ser colhido em março ou abril, é bem mais suscetível a pragas de insetos e de menor qualidade.



Marli Muros, mulher do fazendeiro, já refaz seus planos